

O Paraguai nos Livros: Breve Análise do Ensino da Guerra da Tríplice Aliança nos Livros Didáticos Brasileiros

Rudolph Schubert

Danielle Chrystine Fontes dos Santos

RESUMO

A Guerra do Paraguai, considerada o maior conflito bélico na América do Sul, é abordada neste trabalho sob a perspectiva da sua representação nos livros didáticos brasileiros. Este estudo qualitativo fundamenta-se na análise do livro "História Escola e Democracia 8º ano", de Flávio de Campos, Regina Claro e Miriam Dolhnikoff (Moderna, 8ª edição), complementado pela revisão de literatura que destaca Pomer (1980), Chiavenatto (1983) e Doratioto (2002), entre outros especialistas. A pesquisa visa discutir como o conflito é apresentado nos materiais didáticos e sua relação com o ensino de História nas escolas brasileiras. A Guerra do Paraguai é considerada um tema relevante, porém muitas vezes negligenciado nos livros didáticos. O estudo explora lacunas na representação desse conflito, que possui implicações além das fronteiras brasileiras, afetando diretamente outros países envolvidos. Destaca-se a importância de superar estereótipos e oferecer informações mais detalhadas e atualizadas sobre o tema, considerando que os livros didáticos desempenham um papel crucial na formação histórica dos estudantes. Portanto, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a abordagem da Guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros, identificando possíveis lacunas e destacando a relevância de um ensino de história mais abrangente e atualizado nas escolas.

Palavras-chave: Livros didáticos; Ensino de História; Guerra do Paraguai.

ABSTRACT

The Paraguayan War, considered the largest armed conflict in South America, is addressed in this study from the perspective of its representation in Brazilian textbooks. This qualitative research is grounded in the analysis of the book "História Escola e Democracia 8º ano," authored by Flavio de Campos, Regina Claro, and Miriam Dolhnikoff (Moderna, 8th edition), complemented by a literature review highlighting Pomer (1980), Chiavenatto (1983), and Doratioto (2002), among other experts. The research aims to discuss how the conflict is

RF, Sapucaia do Sul, v.1, n.1, 67-82, nov, 2024.

presented in educational materials and its relationship with the teaching of history in Brazilian schools. The Paraguayan War is considered a relevant topic, often overlooked in textbooks. The study explores gaps in the representation of this conflict, which has implications beyond Brazilian borders, directly affecting other involved countries. The importance of overcoming stereotypes and providing more detailed and updated information on the subject is emphasized, considering that textbooks play a crucial role in the historical education of students. Therefore, this work proposes a critical reflection on the approach to the Paraguayan War in Brazilian textbooks, identifying possible gaps, and highlighting the relevance of a more comprehensive and updated history education in schools.

Keywords: Textbooks; History Education; Paraguayan War.

1. INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado da história da América do Sul, sendo travado entre os anos de 1864 e 1870. Os beligerantes estavam divididos entre a Tríplice Aliança, composta pelo Império do Brasil, República Argentina e República Oriental do Uruguai, contra a República do Paraguai, comandada pelo ditador Solano Lopez. Pode-se dizer que, até este ponto, há uma unanimidade entre os historiadores, em especial no que tange à educação, posto que, para fins de ensino, há diversas discordâncias entre os especialistas no assunto.

Inicialmente, cabe dizer que pode-se dividir o ensino sobre a Guerra do Paraguai em quatro perspectivas, a saber: 1. A tradicionalista, que se fez presente desde 1870 até meados da década de 1960; 2. A revisionista, que esteve em voga da década de 1960 até a década de 1980; 3. A neorrevisionista, surgida na década de 1990 e em pauta até a atualidade e; 4. As pesquisas sobre a individualidade dos combatentes, ou seja, pesquisas mais voltadas ao aspecto sociológico do que ao histórico, que são mais recentes, iniciadas nos anos 2000. (GÓES, 2018, p. 8 - 12).

Vale ressaltar que, no presente artigo, serão discutidas apenas as três primeiras vertentes, eis que a proposta é a análise do ensino histórico, não sociológico.

A corrente tradicionalista, que predominou por quase 100 anos no ensino de História no Brasil, exaltava os militares e D. Pedro II, culpando exclusivamente Solano López pela Guerra do Paraguai. Essa visão, marcada por obras artísticas como os quadros de Pedro Américo e o RF, Sapucaia do Sul, v.1, n.1, 67-82, nov, 2024.

Hino ao Duque de Caxias, composto por D. Aquino Correia, promovia um sentimento patriótico. A crítica a essa interpretação surgiu na década de 1960, durante a ditadura cívico-militar no Brasil, surgindo, assim, a chamada visão revisionista, como autores León Pomer e Júlio José Chiavenato, de orientação esquerdista e anti-imperialista, reinterpretaram a guerra, argumentando que foi resultado de uma conspiração liderada pelo Brasil, sob influência britânica, para enfraquecer o Paraguai. Essa visão buscava criticar o imperialismo e as ditaduras militares na região. Os revisionistas alegavam que a Inglaterra manipulou os países vizinhos para proteger seus interesses diante do desenvolvimento industrial paraguaio. Essas interpretações desafiam narrativas tradicionais e destacam as complexidades das relações internacionais e geopolíticas na análise histórica.

2. BREVE CONTEXTO QUE ANTECEDE A GUERRA DO PARAGUAI

Antes que se possa falar do conflito em terras guaranis, deve-se ter consciência de que a geopolítica em torno da Bacia do Prata era muito mais complexa que a atual. Nesse sentido, muitos embates e intervenções, tanto políticas quanto militares, se deram entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai - falar-se-á, aqui, sobre a última intervenção brasileira antes da Guerra da Tríplice Aliança: a Guerra Contra Rosas (também chamada de Intervenção Contra Oribe e Rosas).

A Guerra Contra Rosas foi um conflito que ocorreu entre 1851 e 1852 na região do rio da Prata, envolvendo o Brasil, o Uruguai, a Argentina e o Paraguai. O motivo da guerra foi a disputa pelo controle do Uruguai, que estava dividido entre dois partidos: os blancos, apoiados pelo ditador argentino Juan Manuel de Rosas, e os colorados, apoiados pelo Brasil e pelos exilados uruguaios. A guerra teve como consequências a consolidação da independência do Uruguai, a formação da Confederação Argentina, a aproximação do Brasil com o Paraguai e a abertura do rio da Prata para o comércio internacional.

As causas da guerra remontam à Guerra da Cisplatina (1825-1828), na qual o Brasil perdeu a província de Cisplatina, que se tornou o Uruguai. Rosas, que governava a Argentina com mão de ferro, pretendia recriar o antigo Vice-Reinado do Prata, que incluía o Uruguai, o Paraguai e a Bolívia. Para isso, ele apoiou os blancos, que eram favoráveis à união com a Argentina, contra os colorados, que defendiam a soberania do Uruguai. O Brasil, que tinha interesses comerciais e políticos na região, decidiu intervir a favor dos colorados, liderados por Fructuoso Rivera, contra os blancos, liderados por Manuel Oribe.

Os beligerantes foram, de um lado, a aliança formada pelo Brasil, o Uruguai (governo de defesa dos colorados), o Paraguai e as províncias argentinas rebeldes de Entre Ríos, Corrientes e Santa Fé (unitários). Do outro lado, estavam a Argentina (governo de Rosas e os federalistas) e o Uruguai (governo do cerco dos blancos). O Brasil foi comandado pelo imperador Pedro II e pelo duque de Caxias, o Uruguai pelos generais Eugenio Garzón e José Miguel Galán, o Paraguai pelo presidente Carlos Antônio López e as províncias argentinas, pelo general Justo José de Urquiza. A Argentina foi liderada por Rosas e pelos generais Ángel Pacheco e Lucio Mansilla, e o Uruguai por Oribe e pelo coronel Servando Gómez.

A guerra começou com a invasão brasileira do Uruguai, em agosto de 1851, que rompeu o cerco de Oribe a Montevideú, a capital uruguaia. Em seguida, o Brasil formou uma aliança com o Paraguai, que também era hostil a Rosas, e com os rebeldes argentinos, que se opunham ao seu regime autoritário (a aliança era apenas defensiva, ou seja, o Paraguai não tomou parte nos combates). A guerra se estendeu para o território argentino, onde Urquiza liderou uma revolta contra Rosas nas províncias de Entre Ríos e Corrientes. Após a rendição de Oribe, a aliança avançou até Buenos Aires, onde enfrentou as tropas de Rosas na batalha de Monte Caseros, em fevereiro de 1852. A batalha foi decisiva para a vitória da aliança, que derrotou e depôs Rosas, pondo fim à sua influência na região.

Ao final da guerra, o Uruguai consolidou sua independência e sua soberania, mantendo-se como um estado-tampão entre o Brasil e a Argentina. A Argentina se transformou em uma confederação de províncias autônomas, sob a liderança de Urquiza, que promoveu uma constituição liberal e federalista. O Brasil se aproximou do Paraguai, que reconheceu sua independência e abriu seu comércio. O rio da Prata foi aberto para a navegação internacional, beneficiando o comércio e a integração regional. A guerra também marcou o início da hegemonia brasileira na bacia do Prata, que seria contestada posteriormente na Guerra do Paraguai (1864-1870).

2.1. A HISTORIOGRAFIA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

A primeira corrente de pensamento, a tradicionalista, tinha uma forte carga memorialística de exaltação aos militares e ao próprio Imperador D. Pedro II, colocando o ditador Solano López como o único culpado pela guerra, bem como chegando a dizer que o exército imperial brasileiro, liderado pelo Duque de Caxias e, mais tarde, pelo Conde D'Eu, prestou um serviço ao povo paraguaio, ao livrá-los da tirania de López (SQUINELO, 2011, p. 2). Acerca desse período pode-se encontrar grande representatividade artística, como os RF, Sapucaia do Sul, v.1, n.1, 67-82, nov, 2024.

quadros de Pedro Américo (que retratam importantes batalhas travadas em solo guarani) e o Hino ao Duque de Caxias, de D. Aquino Correia.

Pode-se, ainda, citar o livro "A Retirada de Laguna", que é uma obra significativa na literatura brasileira e trata sobre a Guerra do Paraguai. Escrito por Alfredo d'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay, o livro foi publicado, em português, em 1874, quatro anos após o fim da guerra, com uma versão inicial em francês durante o próprio conflito, em 1868.

O autor, que era tenente-coronel do exército brasileiro e participou ativamente da guerra, descreve os eventos da Retirada de Laguna, um episódio trágico ocorrido durante o conflito. Essa obra é notável por ser uma das primeiras narrativas brasileiras sobre a Guerra do Paraguai e por fornecer um testemunho direto dos eventos vivenciados por Taunay.¹ Na mesma perspectiva de Taunay, o livro "Reminiscências da Guerra do Paraguai", escrito por Dionísio Cerqueira² e publicado em 1910 na França, é uma obra de valor histórico significativo. Cerqueira, um militar brasileiro, oferece uma perspectiva singular e testemunhal dos eventos ocorridos durante a Guerra do Paraguai por meio de suas recordações e experiências pessoais que reforçam a memorialística de exaltação aos militares, característica que marca profundamente a historiografia tradicionalista do conflito.

A publicação da obra em francês, antes da versão em português, pode ter ocorrido para alcançar um público mais amplo na Europa, onde Taunay estudou e passou parte de sua vida. A versão em língua portuguesa, disponibilizada após o término da guerra, contribuiu para a construção da memória coletiva sobre o conflito, influenciando a forma como a Guerra do Paraguai foi percebida e interpretada no Brasil.

A interpretação tradicionalista da Guerra da Tríplice foi a utilizada para o ensino de História nos bancos escolares brasileiros por quase 100 anos e tinha por característica o despertar de um sentimento patriótico, afinal, o Brasil era colocado como nação vítima de um ataque injusto e, também, como herói, tanto do próprio povo quanto do povo paraguaio. Esta concepção foi questionada apenas na década de 1960, quando, no Brasil, já vigorava a nova ordem político-social da ditadura cívico-militar.

A nova doutrina historiográfica da Guerra da Tríplice Aliança, chamada de revisionista, contestava não só o heroísmo dos militares brasileiros, como também a culpa de Solano López

¹ Originário de uma linhagem aristocrática, Taunay possuía uma formação intelectual robusta, detendo títulos de bacharel em Letras, Matemática e Ciências Naturais. Ele participou ativamente da expedição organizada para oferecer apoio à província de Mato Grosso. Cf. SCHÄFER, 2013.

² Dionísio Cerqueira pertencia igualmente a uma família abastada. Seu pai atuava como médico e professor na Faculdade de Medicina na Bahia. Dionísio Cerqueira encontrava-se matriculado no curso de engenharia no Rio de Janeiro quando o conflito teve início, e, em 1865, alistou-se voluntariamente, cf. NASCIMENTO, [s.d].

sobre o início do conflito e até mesmo trazia as teorias de que os Aliados seriam títeres da Grã-Bretanha e de que o Duque de Caxias seria um genocida que ordenara o extermínio quase total da população masculina paraguaia, inclusive de crianças.

A historiografia revisionista da Guerra do Paraguai, que surgiu em um contexto de intensa efervescência política e social na América Latina e no mundo durante as décadas de 1960 a 1980, é um reflexo das tensões e conflitos do período em que foi produzida. Durante esse tempo, a América Latina estava sob o domínio de ditaduras militares de direita, e a Grã-Bretanha ainda exercia uma forte influência global através do imperialismo por ela praticado há muitos séculos.

Autores como León Pomer e Júlio José Chiavenato, com suas visões de esquerda e anti-imperialistas, reinterpretaram a história da Guerra do Paraguai, que ocorreu cerca de 100 anos antes. Eles argumentaram que o conflito foi resultado de uma conspiração dos países vizinhos, liderados pelo Brasil, sob a influência do imperialismo britânico. Essa interpretação serviu como uma crítica ao imperialismo e às ditaduras militares latino-americanas da época,

“Esta vertente explicativa da Guerra do Paraguai acabou por deslocar o Brasil de seu papel “salvador”, e o Paraguai de sua posição de “grande vilão”. Muitos brasileiros e demais latinoamericanos tornaram-se admiradores e defensores da nação guarani ao passo que passaram a culpar a nação brasileira por todas as mazelas vividas pelo Paraguai. Afinal, passara-se a ter uma única culpada pelo litígio: a Inglaterra! (SQUINELLO, 2011, p. 22),

Para os revisionistas, a Inglaterra, ao sentir-se ameaçada pelo poderio industrial paraguaio, teria manipulado Brasil, Argentina e Uruguai e os feito atacar a nação guarani, a fim de acabar com a pujante indústria deste e garantir a influência britânica na América do Sul

[...] a luta não se travava contra brasileiros e argentinos, meras extensões imperialistas, mas sim contra o coração do capital Inglês, contestado em conteúdo dentro do Paraguai. Por isso estava determinada a guerra, a destruição total do Paraguai até o fim, mesmo que se tivesse de cometer, como se cometeu, um dos maiores genocídios que o mundo já viu (CHIAVENATO, 1979, p. 38).

Tais alegações são, atualmente, utilizadas no sistema de ensino público brasileiro para a educação dos seus alunos. Aliás, deve-se dizer que essa visão, apesar de ter surgido no tempo em que vigorava, no Brasil, uma ditadura militar, tem cunho claramente marxista, o que poderia levar a crer que servia, também, como forma de confrontar o sistema político então vigente.

Aqui, cumpre destacar, também, que a figura de Solano López, ditador paraguaio durante a Guerra da Tríplice Aliança, foi exaltada como sendo de um herói nacional pelos autores revisionistas. Isso pode ser visto como uma tentativa de resgatar a memória e a identidade nacional paraguaia, em um momento em que muitos países latino-americanos estavam lutando contra regimes autoritários e buscando afirmar sua soberania.

Durante o regime de Alfredo Stroessner (1954-1989), houve uma tentativa de manipular a imagem histórica de Solano López para fins de propaganda política. Stroessner, que governou o Paraguai com mão de ferro, procurou se associar à figura de López, que fora elevado ao status de herói nacional pela historiografia revisionista.

Stroessner usou a imagem de López para consolidar seu próprio poder, proclamando-o como um modelo para sua ditadura. Ao mesmo tempo, ele acusou seus opositores de serem “traidores da pátria”, utilizando a imagem dos “legionários”, termo usado para se referir aos paraguaios que se opuseram a López durante a Guerra da Tríplice Aliança. (SILVA, 2017)

No entanto, é importante notar que a figura de López também foi usada por grupos de esquerda que se opunham a Stroessner. Esses grupos, que lutavam contra o regime de Stroessner, nomearam seus batalhões guerrilheiros de “Mariscal López”, em homenagem ao ditador paraguaio. (GUTIERREZ, 2016) . Percebe-se, assim, que a figura de Solano López se tornou um símbolo político poderoso durante o regime de Stroessner, usada tanto pelo ditador para legitimar seu poder, quanto por seus opositores para desafiá-lo. Isso demonstra como a história pode ser reinterpretada e manipulada para atender a diferentes agendas políticas.

Portanto, fica aqui demonstrado que a historiografia revisionista da Guerra do Paraguai e a figura de Solano López estão intrinsecamente ligadas ao contexto político e social de seu tempo, demonstrando como a escrita da história é influenciada pelas circunstâncias contemporâneas.

Concomitantemente, a chamada vertente neo-revisionista, surgida posteriormente, aprofundou ainda mais as análises críticas, muitas vezes questionando não apenas as causas, mas também os desdobramentos e impactos da guerra. Essas correntes revisionistas abriram espaço para uma compreensão mais complexa e matizada da história do conflito, afastando-se da narrativa simplista que predominara por décadas.

Por fim, a terceira teoria, chamada de neo-revisionista, surgida na década de 1980, afirmava que o revisionismo apresentado por Pomer e Chiavenato era uma fantasia ou um mito, eis que o Paraguai jamais teve uma industrialização pujante, na verdade, sequer tinha alguma

indústria de expressão. Além disso, tanto a nação guarani quanto os Aliados eram muito dependentes da Inglaterra e de outros países da Europa, em especial no quesito bélico - na verdade, o Paraguai, ao início da guerra, usava fuzis britânicos de alma lisa e o Brasil usava fuzis franceses de alma raiada, e ambos usavam canhões belgas e alemães (POOLEY, 2022, p. 183).

O principal expoente brasileiro do neo-revisionismo foi Francisco Doratioto, que publicou, em 2002, o livro *Maldita Guerra*. Doratioto e outros autores desse movimento explicam que a Guerra da Tríplice Aliança foi causada por disputas políticas naturais de uma região (Bacia do Prata) em que vários novos estados independentes haviam surgido. Além disso, a luta pelo controle do Uruguai (que já se estendia desde a década de 1830, com a Guerra Grande, passando pela década de 1850 com a intervenção contra Oribe e Rosas e indo até 1864 com a última intervenção brasileira em território oriental) foi mais um fator que fomentou o conflito. No mais, o ímpeto do ditador Solano López de anexar territórios argentinos, brasileiros e orientais e de nacionalizar o Rio Paraná (que cortaria a comunicação da província do Mato Grosso com o restante do império brasileiro) também foi uma das causas da já inevitável guerra.

Por fim, deve-se ressaltar que a Inglaterra, em nenhum momento, instigou alguma das nações a entrar em conflito, afinal, isso iria contra os interesses britânicos, que tinham boas relações comerciais com todos os países beligerantes. Conforme anteriormente dito, o próprio Paraguai utilizava equipamentos militares britânicos – e não só equipamentos militares, mas boa parte dos produtos industrializados comercializados na nação guarani eram de origem inglesa. E não se poderia deixar de mencionar que, anteriormente à guerra, o Paraguai já enfrentava problemas econômicos, o que levou a Inglaterra a oferecer um empréstimo de uma significativa quantia a juros camaradas, oferta esta negada por Solano López. (DORATIOTO, 2002, p. 33-34).

Em resumo, “qualquer que seja a perspectiva, a Guerra da Tríplice Aliança foi um marco. Um acontecimento histórico de pesadas consequências, que daria nova dimensão à história dessa parte do planeta.” (MOTA, 1995, p. 244).

2.2. GUERRA DO PARAGUAI SEGUNDO OS LIVROS DIDÁTICOS

É comum observar que os livros didáticos no Brasil, especialmente os utilizados no Ensino Fundamental, podem não oferecer explicações detalhadas sobre os conteúdos, RF, Sapucaia do Sul, v.1, n.1, 67-82, nov, 2024.

resultando em uma abordagem mais informativa do que reflexiva. Isso pode ser um desafio, pois a compreensão aprofundada de temas históricos, como a Guerra do Paraguai, muitas vezes requer uma análise crítica e reflexiva.

Os livros são adquiridos por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que consiste em uma iniciativa que engloba diversas ações direcionadas à distribuição de obras didáticas, pedagógicas, literárias e outros materiais de suporte à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica no Brasil. Além disso, o PNLD também abrange instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos que sejam conveniadas com o Poder Público.

O livro didático “História Escola e Democracia 8º ano” dos autores Flávio de Campos, Regina Claro e Miriam Dolhnikoff, pela editora Moderna, foi publicado em 2018. No município de Esteio, localizado na região metropolitana de Porto Alegre - Rio Grande do Sul utilizou-se nas escolas municipais como apoio pedagógico nos anos de 2020 ao final do ano letivo de 2023. Podemos considerar a narrativa deste sob influência da historiografia revisionista, devido ao fato de apenas expor, ao apontar as causas para a guerra do Paraguai, como causa básica, a política de expansão implantada por López no Paraguai, pois, apesar de existirem conflitos na região do Rio da Prata naquela época, o governo do Brasil até aquele momento tinha conseguido resolver com alianças os conflitos de fronteiras. Vale ressaltar que a narrativa dos autores no texto dos livros didáticos “Vontade de Saber História: 8º ano”, “Araribá Mais: História 8º Ano”, “Teláris História, 8º ano” e, principalmente, o livro “História Escola e Democracia 8º ano” dos autores Flávio de Campos, Regina Claro e Miriam Dolhnikoff, carece de certos aspectos relevantes para uma compreensão abrangente do conflito.

Os autores dos livros didáticos escolhem Chiavenatto como referencial básico para suas afirmações sobre o início da Guerra do Paraguai, assumindo uma narrativa revisionista.

Chiavenatto teve coragem pessoal ao publicar esse trabalho quando o regime militar, embora já promovesse a abertura política, ainda mantinha o sistema repressivo, e a ele cabe o mérito de ter revivido, naquele momento, o interesse sobre a Guerra do Paraguai (DORATIOTO, 2009, p. 7)

Os autores, ao abordarem questões históricas em seus escritos, frequentemente negligenciam a necessidade de explicitar as fontes e referências que embasam suas conclusões, afirmações e citações para o público leitor estudante, não levando em consideração que

A produção revisionista era militante, tendo como objetivo encontrar no passado elementos que permitissem confirmar sua visão do que deveria ser

o mundo no presente e, principalmente, no futuro. Se os fatos históricos não se adaptassem a essa visão, fazia-se “releituras” deles ou, então, os ignorava. Foi desse modo que a sociedade paraguaia da época de López foi apresentada quase como uma sociedade protosocialista cuja economia seria avançada e moderna (DORATIOTO, 2009, p. 9).

Há uma lacuna notável em relação à indagação sobre a origem dos dados utilizados por Chiavenatto e as fontes que fundamentam suas declarações. Argumentamos que este seria um momento propício para proporcionar aos estudantes uma exposição do método de crítica histórica, historiográfica e documental.

Tal abordagem promoveria uma autonomia mais substancial por parte dos estudantes em relação à produção do conhecimento, permitindo, inclusive, a confrontação de fontes, a relativização das informações obtidas e, por conseguinte, a subversão da autoridade do livro didático como única detentora da verdade.

Essa situação ensejaria um ensino de História que não se pauta na concordância passiva, mas sim no conflito de ideias, com ênfase na valorização do debate, da crítica e na apresentação de diversas versões e interpretações históricas.

Destacamos um desafio significativo no ensino de História, especialmente quando os livros didáticos são a principal fonte de informação para os alunos em sala de aula. A falta de detalhamento nos conteúdos históricos irá comprometer a compreensão e o desenvolvimento de habilidades críticas dos estudantes. Além disso, a responsabilidade do professor na escolha e abordagem de temas no currículo escolar é crucial para moldar a experiência educacional.

A negligência ou a falta de destaque dada à Guerra do Paraguai nos livros didáticos e, conseqüentemente, no currículo escolar, pode ser um desafio para o entendimento aprofundado desse importante evento histórico. A ausência de informações detalhadas e a falta de abordagem reflexiva podem resultar na subestimação da relevância desse conflito, tanto para alunos quanto para professores.

Os livros didáticos, ao refletirem a sociedade em que são produzidos, podem espelhar não apenas o conhecimento que é valorizado, mas também as lacunas e os esquecimentos culturais. Se a Guerra do Paraguai, por exemplo, é negligenciada ou tratada de forma superficial nos livros didáticos, isso pode ser um reflexo das prioridades e valores da sociedade, pois

O autor de livros didáticos, assim como o historiador, faz opções entre diferentes temas, periodizações, fontes, métodos, etc., os quais são condicionados pela época em que vivem, pelo seu lugar social, pela sua visão de mundo. Não há, pois, absoluta neutralidade e objetividade; ainda

que se esforcem para evitar a parcialidade, não há como se desvencilhar totalmente desses condicionamentos (CAIMI, 1999, p. 43).

A formação do cidadão pleno, como mencionado, é um dos objetivos fundamentais da escola. Portanto, é crucial que o currículo e os materiais didáticos forneçam uma compreensão abrangente e crítica da História, incluindo eventos significativos e, por vezes, complexos, como a Guerra do Paraguai. Os educadores têm a responsabilidade de questionar e buscar maneiras de superar essas lacunas, promovendo uma educação que permita aos alunos compreender a diversidade de experiências e eventos que moldaram o mundo em que vivemos.

Além disso, a conscientização sobre a importância de determinados eventos históricos e a pressão para incluí-los de maneira mais significativa no currículo podem resultar em mudanças nos materiais didáticos ao longo do tempo. Os professores, pais, pesquisadores e outros interessados na educação têm um papel fundamental em levantar questões sobre a representação histórica nos livros didáticos e contribuir para um diálogo construtivo sobre como melhorar o ensino da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os manuais educativos são concebidos como o principal instrumento de trabalho dos educadores. Nesse sentido, configuram-se como ferramentas cruciais na moldagem da formação cultural e educacional dos estudantes. A análise dos compêndios didáticos acerca da Guerra do Paraguai também evidenciou a necessidade de empreender uma análise crítica dos conteúdos históricos difundidos nas instituições escolares. Os textos didáticos contêm em si diversas representações, impedindo não apenas a compreensão clara dos eventos, mas também o desenvolvimento de um conhecimento crítico que permita uma reflexão, ao invés de uma mera memorização dos dados.

A linguagem historiográfica empregada nos manuais didáticos pesquisados transita entre a abordagem histórica tradicional e a revisionista. Na análise dos compêndios didáticos, notamos que, de maneira geral, o tema da Guerra do Paraguai é organizado cronologicamente em breves parágrafos, acompanhados de mapas de localização geográfica e algumas inserções iconográficas que facilitam a associação do evento histórico com a imagem. Esse recurso é utilizado para conferir uma noção de "verdade histórica".

É observável que, apesar da existência de pesquisas acadêmicas mais analíticas sobre o tema, essas ainda não foram incorporadas aos conteúdos dos manuais didáticos. Consequentemente, os compêndios didáticos permanecem com informações desatualizadas por longos períodos, e, ao serem utilizados, os professores devem possuir uma leitura crítica para serem capazes de fornecer elementos para a construção da perspectiva que seus alunos irão formar acerca dos conteúdos ali encontrados.

FONTES

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. **História, Escola e Democracia 8º ano**. São Paulo: Editora Moderna, 2019.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Vontade de Saber História: 8º ano ensino fundamental**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

FERNANDES, Ana Claudia. **ARARIBÁ MAIS: HISTÓRIA: 8º ano ensino fundamental**. São Paulo: EDITORA MODERNA LTDA., 2018. v. 3.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. **Teláris História, 8º ano ensino fundamental**. São Paulo: Editora Ática, 2018.

REFERÊNCIAS

CAIMI, Flávia E. **O livro didático: algumas questões**. In: DIEHL, Astor Antônio (Org). O livro didático e o currículo de história em transição. Passo Fundo: EDIUPF, 1999, p. 25-109.

CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **História e ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai**. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos [en línea], colóquios, 2009, puesto en línea el 13 janvier 2009. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/index49012.html>. Acessado em: 20 jan. 2024.

GUTIÉRREZ, Andrés Colmán. **López, el héroe por el que pelean la izquierda y la derecha**. 29 fev. 2016. Disponível em: <https://www.ultimahora.com/lopez-el-heroe-el-que-pelean-la-izquierda-y-la-derecha-n971144>. Acesso em: 20 jan. 2024.

GOES, Andrew Cesar de. **A Guerra do Paraguai em manuais didáticos: Fontes para análise da cultura escolar e da cultura histórica**. 2018. 29 p. Trabalho de Conclusão de Curso História Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018

NASCIMENTO, Jaime Oliveira do. **Verbetes Primeira República**, [s.d].Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CERQUEIRA,%20Dion%C3%ADsio.pdf> Acesso em 12 janeiro de 2024.

MAESTRI, Mário. **A guerra contra o Paraguai: História e historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [en línea], colóquios, 2009, puesto en línea el 27 mars 2009. Disponível em: <http://nuevomundo.org/index55579.html>. Acessado em 20 jul. 2009. Acessado em: 03 de jan. de 2024

MOTA, Carlos Guilherme. **História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois**. Estudos Avançados, n. 24. 1995.

POMER, León. **A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense**. Tradução Yara Peres. São Paulo: Global, 1980.

_____. **A Guerra do Paraguai e a formação do Estado na Argentina**. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 depois*. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1995, p 113-120.

POOLEY, CARLOS ANDRÉS STANGE. GUERRA DEL PARAGUAY 1864-1870: ANÁLISIS DE LAS ARMAS LARGAS UTILIZADAS Y SU INFLUENCIA EN LA BATALLA DE ESTERO BELLACO, 1866. **MEMORIAL DEL EJÉRCITO DE CHILE**. 2022. Disponível em: [https://www.cesim.cl/recursos/1_2022%20\(2\)-179-191.pdf](https://www.cesim.cl/recursos/1_2022%20(2)-179-191.pdf)

SQUINELO, Ana Paula. *Revisões Historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos Brasileiros–PNLD 2011*. Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, v. 15, n. 1, 2011

SALLES, André Mendes. **A GUERRA DO PARAGUAI NAS EDIÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO HISTÓRIA DO BRASIL: DA COLÔNIA À REPÚBLICA, DAS AUTORAS ELZA NADAI E JOANA NEVES**. *EDUCAÇÃO BÁSICA REVISTA*, v. 3, n. 2, p. 291-311, 2017.

SCHÄFER, Gabriel. **Taunay e a frustrante ação militar brasileira em território paraguaio - A Retirada da Laguna**. ESTUDIOS HISTORICOS - CDHRPyB, Uruguai, n. 10, julho de 2013. Disponível em <http://www.estudioshistoricos.org/Otros/n10.html>. Acesso em: 10 jan. de 2024.

SILVA, Graziano Uchoa Pinto Da. **Repressão e resistência: o governo de Stroessner e os grupos de guerrilhas 14 de Mayo e FULNA (1954-1970)**. 2017. Tese — UNIVERSIDADE

RF, Sapucaia do Sul, v.1, n.1, 67-82, nov, 2024.

FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá, 2017. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5078466. Acesso em: 13 jan. 2024.

Whigham, Thomas & Ramírez Braschi, Dardo. (2022). **Leyendo la guerra de la Triple Alianza**. Disponível em
https://www.researchgate.net/publication/364474071_Leyendo_la_guerra_de_la_Triple_Alianza Acesso em 20 janeiro 2024.